

MUTUM

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: *Em Viagens & Negócios*

Data: *29/10/98* Pg. *2*

Class.: *Panorama 06*

Promenade



Aprendendo com os Yawanawá

Luis Mario Fujiwara e
Nelson Luiz Nouvel Alessio*

Aterrissar em Sete Estrelas, campo de pouso no meio da mata, foi a certeza de que nosso destino era mesmo a reserva indígena do rio Gregório, no vale do Juruá, Acre. O objetivo era conhecer, como pesquisadores do programa "Parcerias, Pobreza e Cidadania", o projeto de produção de couro vegetal, tecido emborrachado pelo látex, uma das possíveis alternativas de autonomia econômica para os Yawanawá.

Do monomotor à canoa que nos levaria rio acima, houve tempo para ver o avião descrever sua curva ascendente, que significava a repentina ruptura com nossa civilização. Para nós, o mundo tornava-se uma plana e compacta massa verde, cortada pelo lento curso d'água.

Era setembro, e o inverno, estação das chuvas na Amazônia, ainda não havia começado. Um privilégio para nós, porque o baixo nível das águas impedia o uso de motor de popa, dando-nos a oportunidade de gozar da modorrenta e silenciosa propulsão dos varejões, tão habilidosamente manejados por Tchutchuba e Zaqueu, dois jovens Yawanawá.

Na calma do percurso a ansiedade em relação ao desconhecido diluía-se em meio às histórias sobre caçadas de macaco preto, queixada, anta, gavião real e tatu, animais silvestres que pela sua raridade e sabor refinado, compõem a dieta Yawanawá. Nela a carne tem grande peso, sempre acompanhada da farinha de macaxeira produzida na reserva e do fruto da pupunha cozido.

Para nós tudo era novidade. Os sons da floresta, confirmamos, eram um convite à meditação e ajudaram a relaxar depois dos agitados preparativos da viagem. A visão da samaúma — árvore sagrada dos Yawanawá, que se destaca pelo grande porte e beleza — aumentava nosso fascínio pela exuberância da floresta tropical. Folhas e cipós pendiam sobre as águas escuras do rio Gregório num "balé" natural, dança exótica ao som dos ventos.

Após cerca de quatro horas de navegação entre troncos que obstruíam o livre curso das águas e contribuíam para aumentar o assoreamento do rio, Bira — o líder da comunidade Yawanawá da reserva do rio Gregório e nosso guia — sugeriu-nos seguir a pé, deixando que a canoa prosseguisse apenas com a bagagem, o que nos deu a oportunidade de saborear diversos tipos de frutas tropicais — bananas, abacaxis e melancias.

Assim foram mais duas horas de marcha acelerada por trilhas na mata e pelo rio. Foi aí que ficou evidente não se tratar de mais uma excursão por um dos parques temáticos da Disney Corporation. Escurecia e estavam apenas com uma pequena lanterna. Para nós, da cidade grande, era assustador andar sem saber em que pisávamos, em especial na última parte do percurso feito por dentro da água. O medo era mais acentuado depois que soubemos da presença no rio Gregório de arraias de ferroada certa e dolorosa.

Chegamos, enfim, à casa Yawanawá onde dormiríamos no Mutum,

uma espécie de posto avançado da aldeia. A hospitalidade dos anfitriões foi absoluta. Nem por isso, contudo, deixávamos de experimentar um certo gosto de aventura, pois depois de um longo e cansativo dia, nos víamos sem nossas redes para descansar, sem coragem para compartilhar da exótica refeição dos donos da casa; quase sem a água mineral trazida de São Paulo; sem roupas limpas e secas... Nossas mochilas ainda demoraram quatro horas para chegar de canoa. Quando enfim chegaram, só nos restava vestir uma roupa seca e tentar dormir em meio à profusão de sons que vinham da floresta.

Amanhecido o dia, enfrentamos nova marcha de duas horas, cruzando alguns dos igarapés tributários do rio Gregório, e muitas vezes o próprio Gregório, que parece ser só curvas.

Uma das recompensas, a valer qualquer sacrifício, foi ver os casais de araras em seu próprio habitat, fazendo seu conhecido a-ra-ra, a-ra-ra, a-ra-ra...

Enfim, chegamos à aldeia Nova Esperança! Nova Esperança, por conjugar a recuperação de valores e práticas tradicionais e a adoção de recursos e técnicas modernas. A princípio, pareceu-nos um quadro surrealista: antena parabólica e geradores fotoelétricos; primitivas habitações caboclas de cobertura de palha; gente de pele vermelha e cabelo escorrido, falando uma língua "enrolada" e bebendo cacimba de banana (bebida típica à base de banana e água), tudo entre o barranco

do rio e a mata cerrada, entremeados de muito urucum, lembrando pinturas e gritos de guerra.

Aos poucos, fomos entendendo melhor que — como nos havia dito Marcelo — não existe sociedade isolada e que o contato leva à re-elaboração de modos de vida. Disto os Yawanawá do rio Gregório são a demonstração viva. Com a ajuda de pesquisadores de fora vêm recuperando, sistematizando e registrando seus conhecimentos de medicina tradicional; retomando práticas artesanais como a da cerâmica; treinando membros da comunidade para que possam tornar-se professores aptos a garantir a instrução bilíngüe das crianças e jovens da aldeia; fornecendo toneladas de semente de urucum a uma empresa americana de cosméticos e produzindo couro vegetal como matéria-prima para artigos da sofisticada Hermès de Paris. Da época das "correrias" pouco restou, a não ser uma coleção de armas indígenas que representam os diversos povos e etnias envolvidas nas batalhas. Esta coleção feita de pupunha, palmeira típica da região, já tem endereço certo: vai ser exposta em um museu espanhol.

Vimos que os Yawanawá, em parceria com outros atores, estão fazendo sua parte para conquistar autonomia econômica em bases sustentáveis. Voltamos para São Paulo convencidos de que temos muito a aprender no combate à pobreza e gratos pelas lições recebidas dos Yawanawá — valoroso povo. ■

*Pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas envolvidos no Programa Gestão Pública e Cidadania, iniciativa da FGV e Fundação Ford (inovando@eaesp.fgvsp.br)